A Baixa Idade Média

O período conhecido por Baixa Idade Média, que se estendeu dos séculos X ao XV, foi marcado por profundas transformações na sociedade, as quais conduziram à superação das estruturas feudais e à progressiva estruturação do futuro modo de produção capitalista.

No plano econômico, a economia autossuficiente, típica do feudalismo, foi substituída por uma economia comercial. No plano social, a hierarquia estamental foi se desintegrando, surgindo paralelamente um novo grupo social ligado ao comércio: a burguesia. Politicamente, o poder pessoal e universal dos senhores feudais foi sendo gradualmente substituído pelo poder centralizador dos soberanos, originando as monarquias nacionais europeias.

Essas mudanças, que marcaram o início da Baixa Idade Média, emergiram das próprias contradições da estrutura feudal, que se mostrou incapaz de atender às necessidades da população europeia. O feudalismo conservou muitas de suas características ainda por muito tempo, ocorrendo uma transição gradativa, que só atingiria a maturidade alguns séculos depois.

O crescimento demográfico

O fim das invasões na Europa proporcionou ao homem medieval melhores condições de cultivo da terra. As epidemias, que assolaram a Europa logo após as invasões diminuíram com o isolamento da população em feudos, o que dificultava o contágio. Em consequência, a partir do século X, o índice de natalidade começou a superar o de mortalidade.

O crescimento demográfico esbarrava, porém, nas limitações do modo de produção feudal: a produção servil era limitada, não aumentando com a demanda de consumo, devido às variadas formas de tributação e às técnicas rudimentares. Assim, a produção foi se tornando insuficiente para atender ao consumo, o que viria a causar transformações na vida feudal europeias. Como consequência imediata houve a marginalização social: os senhores feudais, buscando ajustar o consumo à produção, expulsavam o excedente populacional de suas terras.

Boa parte dessa população estabeleceu-se em aldeias ou em antigos centros urbanos, convertendo-os em mercados latentes, em incipientes pólos comerciais. Outros buscavam sobreviver do saque, formando grupos de bandoleiros que assaltavam sistematicamente as estradas.

O crescimento demográfico, ao exigir maiores colheitas, estimulou inicialmente o aperfeiçoamento das técnicas agrícolas. Surgiram, assim, instrumentos de ferro, entre os quais o arado, em substituição aos de madeira; os animais passaram a ser ferrados e ganharam novo atrelamento; os moinhos hidráulicos foram aperfeiçoados.

O relativo progresso técnico, contudo, encontrou obstáculos na própria estrutura estamental: o servo não se motivava para a inovação, já que, se houvesse aumento de produtividade, caber-lhe-ia uma parcela maior de tributos, como a talha, a corveia, etc., e quase nenhuma vantagem.

O desenvolvimento tecnológico, portanto, foi bastante limitado, não correspondendo à crescente necessidade do consumo. Houve, além disso, uma expansão dos limites do espaço agrícola para as áreas de bosques e florestas, o que, entretanto, foi insuficiente, impondo-se a necessidade de ampliar os limites geográficos. Utilizou-se nesse processo de expansão a própria população excedente, a qual participava das conquistas militares e da ocupação dos territórios conquistados. Foi nesse contexto que se inseriram a expansão germânica para o leste, a participação de muitos cavaleiros na Guerra de

Reconquista contras os árabes, na península Ibérica, e o movimento das Cruzadas.

A expansão germânica para o leste

Sob o pretexto da propagação do cristianismo entre os pagãos, cavaleiros alemães (teutônicos) dirigiram-se para o Oriente, em direção à atual Rússia, subjugando a região báltica. A expansão para leste, as pilhagens e as guerras reforçaram a autoridade dos príncipes locais (nobres) fragmentando o poder alemão. A expansão incorporou territórios, Agregando riquezas e poder aos cavaleiros, senhores feudais alemães.

O movimento das cruzadas

O movimento cruzadista, é geralmente, definido como uma série de expedições armadas realizadas pelos cristãos contra os muçulmanos, com o propósito de romper o cerco a que vinham submetendo a Europa desde o século VIII. Assim, a ideia de libertação de lugares religiosos tradicionais, como o *Santo Sepulcro*, na Palestina, transformou-se em bandeira desse movimento.

Essas expedições já eram solicitadas pelos imperadores bizantinos, que necessitavam de auxílio do Ocidente para conter o avanço dos turcos

seljúcidas sobre o seu território. A Igreja Católica acabou assumindo a liderança do movimento cruzadista, ambicionando reafirmar-se no Oriente: alcançaria assim seu ideal de reunificação das duas igrejas anulando a autonomia da Igreja Ortodoxa.

O Santo Sepulcro

Jerusalém tornou-se o centro da espiritualidade cristã ocidental, pois para lá dirigiam-se constantemente peregrinos em busca do contato com as relíquias sagradas. O local era considerado santo, pois Cristo fora enterrado ali. Jerusalém passou a atrair indivíduos de todo o mundo cristão, mesmo considerando as dificuldades de acesso, as quais, em meio ao misticismo generalizado, tornavam-se uma purificação para os peregrinos.

Inegavelmente, a religiosidade do homem medieval foi um fator determinante para a organização das Cruzadas. Entretanto, outros fatores, como a marginalização decorrente do crescimento demográfico e a persistência do direito de primogenitura, foram igualmente importantes na constituição desse movimento.

Segundo o direito de primogenitura, apenas o filho mais velho do senhor feudal herdava as terras e os títulos paternos, restando aos outros filhos apenas

as alternativas de se tornarem vassalos de um outro senhor, ingressar nos quadros eclesiásticos ou partir, como cavaleiros, em busca de aventuras e conquistas.

Para os setores marginalizados, não incorporados ao processo de produção, e para os nobres sem feudos, as Cruzadas representavam, então, uma oportunidade de aventura e, eventualmente, de enriquecimento.

Também o interesse comercial, sobretudo dos negociantes italianos, foi decisivo para a constituição das Cruzadas. Para esses comerciantes, essas expedições significavam a possibilidade de reabertura do Mediterrâneo e a obtenção de entrepostos e vantagens comerciais no Oriente.

Assim, usando o avanço dos turcos seljúcidas como pretexto, o papa Urbano II, em um discurso proferido no Concílio de Clermont, em 1095, conclamou os cristãos a integrar o movimento cruzadista. Esse discurso, do qual reproduzimos uma das mais significativas passagens, expressa claramente as intenções da Igreja, bem como os problemas que afetavam a Europa do século XI:

“Deixai os que outrora estavam acostumados a se baterem, impiedosamente, contra os fiéis, em guerras particulares, lutaram contra os infiéis [...].

Deixai os que até aqui foram ladrões, tornarem-se soldados. Deixai aqueles, que outrora se bateram contra seus irmãos e parentes, lutarem agora contra os bárbaros, como devem. Deixai os que outrora foram mercenários, a baixos salários, receberem agora a recompensa eterna.

Uma vez que a terra que vós habitais, fechada de todos os lados pelo mar e circundada por picos de montanhas, é demasiadamente pequena à vossa grande população: sua riqueza não abunda, mal fornece o alimento necessário aos seus cultivadores [...] tomai o caminho do Santo Sepulcro; arrebatai aquela terra à raça perversa e submetei-a a vós mesmos. Essa terra em que, como diz a Escritura, ‘jorra leite e mel’ foi dada por Deus aos filhos de Israel. Jerusalém é o umbigo do mundo; a terra é mais que todas frutífera, como um novo paraíso de deleites”.

Foram organizadas diversas Cruzadas entre 1096 e 1270. Vejamos as principais:

Cruzada dos mendigos (1096). Movimento extra-oficial. Comandada por Pedro, o Eremita, e Gautier

Sem-Vintém, constituiu um movimento popular que bem caracteriza o misticismo da época. Iniciou-se antes da Primeira Cruzada oficial, sendo massacrada pelos turcos.

Primeira Cruzada (1096-1099). Cruzada dos Nobres. Comandada principalmente por Godofredo de Bulhão, Raimundo de Toulouse e Boemundo, foi a única Cruzada que obteve efetivos sucessos, reconquistando Jerusalém em 1099, organizando a região de forma feudal. Possibilitou, ainda, a criação de ordens monásticas como as dos Templários e Hospitalários.

Segunda Cruzada (1147-1149). Refeitos da surpresa inicial, os turcos se reorganizaram, empreendendo a reconquista dos territórios perdidos. Contra eles, organizou-se a Segunda Cruzada, pregada por São Bernardo e liderada pelos reis Luís VII (França) e Conrado III (Sacro Império). Não atingiu seus objetivos e desintegrou-se sem resultados significativos.

Terceira Cruzada (1189-1192). Cruzada dos Reis. É assim denominada pela participação dos três principais soberanos europeus da época: Ricardo Coração de Leão (Inglaterra) Felipe Augusto (França) e Frederico I, o Barba-Ruiva (Sacro

Império). Sua convocação ocorreu quando da retomada de Jerusalém pelo sultão Saladino, em 1187. Frederico morreu a caminho e Felipe Augusto retornou à França; Ricardo combateu sem sucesso e finalizou a Cruzada estabelecendo um acordo com Saladino, que permitia a peregrinação cristã a Jerusalém.

Quarta Cruzada (1202-1204). Cruzada comercial. Assim designada por ter sido desviada de seu intuito original pelo doge (duque) Dândolo, de Veneza, que levou os cristão a saquear Zara e Constantinopla, onde fundaram o Reino Latino de Constantinopla, que durou até 1261. Veneza assumiu o domínio do Mediterrâneo, restabelecendo o comércio entre Ocidente e Oriente.

Cruzada das Crianças (1212). Outro movimento extra-oficial, baseado na crença de que apenas as almas puras poderiam libertar Jerusalém. Apesar da oposição do papa Inocêncio III, a Cruzada efetivou-se, mas as crianças acabaram vendidas como escravas no Norte da África.

Quinta Cruzada (1218-1221). Dirigida por André II, da Hungria, contra o Egito, não obteve qualquer resultado significativo.

Sexta Cruzada **(1228- 1229).** Realizada por Frederico II, imperador do Sacro Império, essa Cruzada resultou apenas em acordos diplomáticos com os turcos.

Sétima e Oitava Cruzadas (1250-1270). Sua importância reside no fato de terem sito comandadas por Luís IX, rei da França, posteriormente canonizado como São Luís. Voltaram-se contra o Egito sem nenhum sucesso.

Pouco a pouco, tornaram-se bastante claros os interesses materiais envolvidos nesse movimento, e, assim, destituídas em sua essência de sentido espiritual, as Cruzadas acabaram por comprometer o prestígio da Igreja entre os fiéis. Todavia, no aspecto econômico, esses empreendimentos foram extremamente importantes:

Se o sentido espiritual, puro e ingênuo, esteve presente nas Cruzadas, não foi ele que imprimiu a marca dos novos tempos e sim o caráter comercial que acabou prevalecendo. No conjunto, o que importou, fixando tendências, foi muito mais a Quarta Cruzada que as anteriores ou posteriores, incluindo a Cruzada das Crianças.

Esta última com a miséria de milhares de meninos e meninas, cerca de trinta mil comandadas

por Étienne, um pastor menor de Cloyes (França) e vinte mil por Nikolaus, um menor de Colônia (Alemanha), os quais acreditavam que, sendo as crianças puras e inocentes, obteriam a ajuda de Deus para a definitiva libertação de Jerusalém. Boa parte morreu pelos caminhos, dirigindo-se para o mar, outra parte sucumbiu frente à repressão de governantes e autoridades eclesiásticas, e uma última parte terminou afogada em naufrágio ou vendida como escravos.

As cruzadas "ajudaram a despertar a Europa de seu sono feudal, espalhando sacerdotes, guerreiros, trabalhadores e uma crescente classe de comerciantes por todo o continente; intensificaram a procura de mercadorias estrangeiras; arrebataram a rota do Mediterrâneo das mãos dos muçulmanos e a converteram, outra vez, na maior rota comercial entre o Oriente e o Ocidente, tal como antes".